



## **A leveza das *Flores* de Afonso Cruz**

### ***The lightness of Afonso Cruz's Flowers***

Nayara Meneguetti Pires

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brasil

meneguettipires@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9866-2851>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a composição paradoxal e antagônica das duas personagens principais de *Flores* (2016) de Afonso Cruz, a partir dos conceitos de leveza e peso propostos por Ítalo Calvino (1997) em suas *Seis propostas para o próximo milênio*. Tal análise tem como intuito estabelecer o caráter complementar dessas distintas vocações ao mesmo tempo em que as relaciona aos pares memória/esquecimento e real/ficção, a fim de deslindar como, por meio do diálogo entre as personagens e do contato com a perspectiva do “outro”, elas são capazes de se afastar de tais extremos, estabelecer um equilíbrio e (re)construir suas próprias identidades.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa contemporânea; memória; identidade.

**Abstract:** The present article aims to analyze the paradoxical and antagonistic composition of the two main characters of *Flores* (2016), by Afonso Cruz, based on the concepts of lightness and weight proposed by Ítalo Calvino (1997) in his *Six memos for the next millennium*. Such analysis aims to stablish the complementary feature of these distinct vocations at the same time they are related to the pairs memory/oblivion and real/fiction in order to unravel how, through the dialogue between the characters and the contact with the other's perspective, they are

capable of departing themselves from such extremes, stablish balance and (re)construct their own identities.

**Keywords:** contemporary portuguese literature; memory; identity.

## Introdução

*Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,  
As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,  
Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares,  
Para além dos confins dos tetos estrelados,*

*Flutuas, meu espírito, ágil peregrino,  
E, como um nadador que nas águas afunda,  
Sulcas alegremente a imensidão profunda  
Com um lascivo e fluido gozo masculino.*

*Vai mais, vai mais além do lodo repelente,  
Vai te purificar onde o ar se faz mais fino,  
E bebe, qual licor translúcido e divino,  
O puro fogo que enche o espaço transparente.*

*Depois do tédio e dos desgostos e das penas  
Que gravam com seu peso a vida dolorosa,  
Feliz daquele a quem uma asa vigorosa  
Pode lançar às várzeas claras e serenas;*

*Aquele que, ao pensar, qual pássaro veloz,  
De manhã rumo aos céus liberto se distende,  
Que paira sobre a vida e sem esforço entende  
A linguagem da flor e das coisas sem voz!*

Charles Baudelaire

Elevar-se, perfurando o nojo e o tédio dos dias – tal qual a flor drummondiana que rompe o asfalto – de modo a se alforriar do peso da existência ao ultrapassar os significados óbvios e imediatos e ser capaz

de perceber a linguagem da flor e das coisas sem voz. Subtraindo toda a linguagem poética dos versos de “Elevação”, de Charles Baudelaire (2012), contido em *As Flores do mal*, o desejo do eu lírico pode ser desta forma traduzido e, tomando a lição de Ítalo Calvino (1997), na primeira de suas *Seis propostas para o próximo milênio*, reduzido ao anseio por uma qualidade: a leveza. Para o teórico italiano, a leveza é tangível através da retirada do peso na estrutura narrativa e na linguagem.

[...] podemos dizer que duas vocações opostas se confrontam no campo da literatura através dos séculos: uma tende a fazer da linguagem um elemento sem peso, flutuando sobre as coisas como uma nuvem, ou melhor, como uma tênue pulverulência, ou, melhor ainda, como um campo de impulsos magnéticos; a outra tende a comunicar peso a linguagem, dar-lhe a espessura, a concreção das coisas, dos corpos, das sensações (CALVINO, 1997, p. 27).

O peso identifica-se à concreção e à estrita relação com o real, enquanto que a leveza identifica-se à suavização dessa mesma realidade, dando-lhe poeticidade e fazendo a linguagem flutuar sobre as coisas sem perdê-las de vista. A fim de melhor explicitar a percepção do que seria leveza, Calvino (1997) utiliza-se da história de Perseu que, argutamente, evita ser transformado em pedra por Medusa e consegue decepá-la. Diferente dos outros que tentaram anteriormente, se conseguiu foi porque voou com suas sandálias aladas para outro ponto de observação e evitou olhar diretamente o monstro, observando-o sempre através do espelho ou de seu escudo. Calvino (1997) ressalta, ainda, que Perseu não se desfaz da cabeça da Górgona mesmo após a vitória sob ela, mantendo junto a si parte do monstro que outrora o apavorou e, inclusive, utilizando o olhar petrificante para derrotar inimigos. Está justamente aí o poder de Perseu e a ideia de leveza defendida por Calvino (1997): na capacidade de mudança de ponto de vista e na recusa da visão direta – mas não na recusa da realidade, mantendo-a sempre junto a si. De certa forma, falar sobre leveza é também falar sobre o ato ficcional. Segundo ele:

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu

devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos (CALVINO, 1997, p. 19).

A ficção é esse voo para outro espaço, no qual observamos o mundo sob outra ótica e outra lógica, mas do qual a base de lançamento é a própria realidade: se a vocação for o peso, encurta-se a distância desse salto e os contornos do real, por estarem mais próximos, tornam-se mais concretos; se, por outro lado, a vocação for a leveza, esse salto alarga as distâncias e, apesar de sabermos ser o real a partida da viagem, a imagem dele nos é turva pois flutuamos sob ele como nuvem. Ao mesmo tempo, a ficção é o espelho ou escudo de Perseu, e até mesmo lupa ou caleidoscópio: nunca um olhar direto para o real – que nos fornece a imagem tal qual ele seja –, mas um olhar transfigurado.

Peso e leveza são posturas diversas que não possuem hierarquização entre si, no entanto é a leveza como reação ao peso de viver a qualidade ansiada pelo eu lírico da epígrafe e tida por Calvino (1997) como vocação predominante do próximo milênio. Neste milênio, tal aposta pode ser ratificada por *Flores* de Afonso Cruz (2016), romance que é uma amostra da sensibilidade e poeticidade do autor português ao abordar temas como a identidade, a memória e o mal-estar contemporâneo causado pela sociedade capitalista, que aprisiona o homem em um estilo de vida mecânico inerente ao sistema. Nele, essas duas vocações opostas – o peso e a leveza – irão se embater por intermédio de duas personagens, respectivamente: Kevin – o narrador e protagonista – e Sr. Ulme. O primeiro – sufocado pelo peso da realidade – repete como bordão “Resistiremos!”, ao passo que Sr. Ulme, seu vizinho idoso que perdeu toda a memória e com o qual, após a morte do pai, passa a travar uma relação de cumplicidade e amizade, repete “Altitude!” (CRUZ, 2016, p. 23) e “Entremos mais dentro na espessura” (CRUZ, 2016, p. 17) como um mantra, expressando a necessidade de questionamento do racional e da realidade palpável das coisas para que o primeiro resista. É no diálogo entre essas duas posturas distintas, na busca de entender como a memória irá concorrer para reestabelecer

o equilíbrio entre o peso e a leveza, atuando na (re)construção da identidade, que se encontra o interesse desse artigo.

## 1 O peso do real

O romance inicia-se com a narração do velório do pai do protagonista em breves quatro páginas para logo migrar para os dramas pessoais de Kevin – sua incapacidade de se relacionar com a esposa, com a filha e o estado de tédio no qual se encontra –, ao mesmo tempo em que aborda a relação que passa a travar com seu vizinho, o qual irá auxiliar na busca das memórias perdidas.

Logo descobrimos que Kevin é infeliz: “pensei na vida, nesse imenso tédio em que havia me afundado” (CRUZ, 2016, p. 20). A personagem se revela um homem tragado e sufocado pelo monocórdio dos dias de tal forma que se torna insensível aos horrores noticiados pelo jornal ou mesmo ao afeto de sua esposa, a qual negligencia até o ponto do divórcio:

Nos últimos tempos, quando sinto os lábios da Clarisse a tocarem os meus, comprovo que não têm história, já não convocam o primeiro beijo que demos. Creio que, numa relação, o beijo terá sempre de manter a densidade do primeiro, a história de uma vida, todos os pores-do-sol, todas as palavras murmuradas no escuro, toda certeza do amor. Mas já não é assim. Agora sabem às vacinas que tínhamos de dar à cadela (já morreu), às conversas com o diretor da escola, à loiça por lavar, à lâmpada que falta mudar, às infiltrações no teto, às reuniões de condomínios. Toco levemente os lábios dela e sabe-me à rotina, às finanças, ao barulho da máquina de lavar roupa. Beijamo-nos como quem faz a cama (CRUZ, 2016, p. 20).

Sua vida se restringe à racionalidade do modo de vida contemporâneo: não há a leveza da poesia e espaço para outros significados, apenas a presença sufocante do presente, que impõe sob ele a carga da rotina. Por isso, Kevin se relaciona ao que Calvino (2002) chama de peso: o excesso de presente é o monstro que o petrifica e o prende à realidade, impedindo-o de ver além dos significados imediatos

e de se relacionar com o passado. Para resistir, portanto, ainda segundo Calvino (2002), precisa da leveza; ou, como repete e deseja Sr. Ulme, de altitude suficiente para se afastar das coisas e escapar da torrente do devir. Todavia, antes de conhecer o vizinho, suas tentativas fracassam, sendo uma delas Samadhi, uma mulher mais jovem que é o oposto da rotina – pratica yoga, usa roupas fluídas e coloridas, é cheia de vitalidade e ligada à espiritualidade – e de quem os beijos oferecem interessante contraste se comparados aos da esposa:

Os cabelos dela cheiravam às cerejas da minha infância, lembro-me das manhãs de nevoeiro em que subia às árvores para comer os seus frutos, que brilhavam com o orvalho da manhã, e essa sensação de plenitude voltou-me às narinas, esse cheiro difícil de definir e que só quem sobe às árvores para colher frutos de Verão consegue identificar, um cheiro que fica entre a eternidade e a efemeridade e que, pelos vistos, também se prende aos cabelos. – Cheira a existência (CRUZ, 2016, p. 31).

Enquanto uma lembra a rotina e já não desperta quaisquer sensações, a outra lembra a existência – e não uma vida mecânica – num tempo ainda livre do peso da realidade, no qual as preocupações se limitavam a subir nas árvores para colher frutos. Trata-se, porém, de uma relação superficial, baseada apenas no carnal e que, por isso, malogra como estratégia de fuga por durar apenas pelo momento. Além disso, esse episódio acaba por prejudicar ainda mais a já difícil relação de Kevin com sua filha pequena. Isso ocorre, pois em uma das ausências de sua esposa, na qual ele ficara responsável por cuidar de Beatriz, ele leva Samadhi para casa e a menina – que ele julgara estar dormindo – flagra os dois em pleno ato sexual. A partir desse ponto, Beatriz para de falar com ele.

Esse impulso de fuga se manifesta, também, quando ele se encontra sozinho em frente ao espelho em seus raros momentos de fabulação. O espelho é como um nado desesperado rumo à superfície em busca de ar puro. Nele, Kevin imagina outras vidas, outras personalidades, outras possibilidades de si que escapem à mecanicidade de suas ações diárias, quando age apenas de acordo com o esperado.

Em frente ao espelho consigo chegar a ser eu. Longe do reflexo que me oferece o espelho sou um sucedâneo, uma pobre imitação de mim mesmo. Em frente ao espelho há personagens, quê digo?, há personalidades que me surgem, repletas de uma veracidade absoluta, algo que só a imaginação consegue fazer (CRUZ, 2016, p. 24).

Kevin tenta resistir para existir ao se afastar do real através do salto ficcional. Porém, nem sempre essa tentativa de leveza é bem sucedida. Por vezes, o salto não o leva suficientemente distante, há peso, e a imagem que insiste em ser devolvida é demasiadamente próxima do real e, por isso, dolorida:

Passsei a mão pelo queixo, pelos olhos, senti-me velho e cansado, pronto a desistir. O espelho provoca em mim o estranho efeito de por vezes me dar a violenta estalada da realidade, por outras *elevantar-me* à dimensão do sonho, da ficção, de uma verdade essencial que se deposita cá dentro e que, por timidez, evita sair senão em momentos de alguma intimidade. Naquele dia, o espelho limitou-se a mostrar um homem deprimido. Mas resistirei. Não posso aceitar qualquer reflexo que me seja devolvido. Resistirei (CRUZ, 2016, p. 20, grifos nossos).

Há, nele, com certeza, a capacidade de olhar indiretamente para a realidade tal como, de acordo com Calvino (2002), Perseu foi capaz em seu embate com a Górgona por meio do escudo, porém ainda lhe falta mudar o ponto de observação para resistir com mais sucesso. Sua perspectiva é, ainda, centrada no próprio ego e não há relações significativas com o “outro” que lhe auxiliem nesse processo. É perceptível como, durante a narrativa, ele evita proximidade com outras pessoas, outros pontos de vista, outras formas de ser: os vizinhos, a esposa, sua mãe. Por isso, seu mundo ficcional é autocentrado. “– O que é que tem o espelho? – Nada, mas é um método um pouco narcisista de nos conhecermos.” (CRUZ, 2016, p. 132). Sem as sandálias aladas de Perseu para voar para outro ponto de observação, as personagens que cria se restringem a sua percepção de mundo e aquilo que por ele seria considerado felicidade e sucesso e são, conseqüentemente, ainda apegadas demais ao real e a lógica da sociedade capitalista e midiática,

como, por exemplo, um jogador de futebol famoso, cheio de dinheiro e rodeado de mulheres:

– Treino, treino, treino. Mas compensa, Kevin, porque depois as mulheres caem-nos aos pés. E por quê? Porque treinamos para sermos bons. Apontamos para um canto da baliza, a nossa vida resume-se àquele espaço, são o quê?, quarenta centímetros quadrados?, e de repente estamos a andar de iate na costa de San Lorenzo graças a esses dez centímetros quadrados, graças ao treino, ao treino. As mulheres caem-nos aos pés, às dezenas, e não estou a falar de mulheres fáceis ou prostitutas, nada de reles e sujas, Kevin, estou a falar de mulheres sérias, lindas de morrer, educadas, elegantes, algumas conhecidas, poderia dizer nomes, mas seria indelicado, não achas? (...) algumas são atrizes, mas juro que também há diplomatas e ministras, algumas são casadas, Kevin, ajoelham-se, meio despidas, às vezes tenho de as mandar embora (CRUZ, 2016, p. 25).

Em suma, há ficcionalização, porém a restrição de pontos de vista a torna demasiado verossímilante e, por isso, o peso tende a se impor. Esse quadro se transforma a partir da entrada de Sr. Ulme em sua vida.

## 2 A leveza do esquecimento

A *Segunda consideração extemporânea* de Nietzsche (2014) auxilia a clarificar a feitura oposta, porém complementar, dessas duas personagens. Para Nietzsche (2014, p. 35), a vida é um “imperfectivo que nunca se perfaz”, ou seja, um eterno movimento, no qual as posições estão sempre sendo realocadas por conta da ação do tempo, tornando a existência um “ininterrupto ‘ter sido’” (NIETZSCHE, 2014, p. 35). O real, dentro desta perspectiva, não possui forma fixa e a saúde do homem dependerá de qual postura ele adotará diante de tamanha instabilidade. Inspirado num poema de Giacomo Leopardi, o filósofo reflete acerca de dois modos de sentir a história: os animais, estancados no instante, apenas vivem o presente e, por isso, não se entristecem, sendo, neste



sentido *aistóricos*; já o homem não é capaz de experimentar o presente da mesma maneira pelo fato de sentir tudo de forma *histórica*. Este “luta contra a crescente e pesada carga do passado: esta o pressiona ou o enverga, sopesa seu passo como um fardo invisível e obscuro” (NIETZSCHE, 2014, p. 34). Sr. Ulme, portanto, é abençoado pelo esquecimento, que lhe aliviou o peso do passado permitindo-lhe uma postura *aistórica*, enquanto que Kevin sofre de excesso de sentimento histórico e, por esta razão, tem o destino daqueles que não aprenderam a esquecer: “ele não acredita mais no seu próprio ser, não acredita mais em si, vendo tudo fluir de um ponto móvel a outro e se perdendo nessa correnteza do devir” (NIETZSCHE, 2014, p. 36), pois “existe um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, que prejudica o vivente e por fim o destrói, seja um homem, um povo, ou uma cultura.” (NIETZSCHE, 2014, p. 36). Aquilo que Kevin ruma é sua própria solidão e as ações passadas que o levaram até ali. Nem a filha, nem a agora ex-esposa conversam com ele. A amante, Samadhi, está mantendo relações com um colega do escritório sobre o qual ambos faziam piadas e que ele descobre ter sido amante de sua esposa por mais de dois anos. Estamos a tratar de um homem perdido e desesperado que, inclusive, por pouco não se suicida.

Seria ingenuidade, portanto, acreditar na gratuidade dessa repentina aproximação entre os vizinhos: “Não sei por que, mas tive vontade de convidá-lo para um café” (CRUZ, 2016, p. 13). Como mencionado, o romance se inicia com o velório do pai de Kevin, no qual: “O calor era tanto, o suor escorria-me pelas costas abaixo, não, não era suor, era a língua da morte a lambe-me a coluna de cima pra baixo, a arrastar-me para o chão, a língua quente dessa estranha entidade que nos transforma em terra, que transforma tudo em terra” (CRUZ, 2016, p. 9-10). Ali, a morte se mostra ameaçadora, apesar de mais tarde entendermos que, também, crucial para o despertar de Kevin para a vida:

A consciência da morte é o que nos desperta dessa morte em que vivemos. (...) a morte é um despertador, um despertador que nos acorda para a inevitabilidade de nossos erros. Trrrrim, trrrrim, trrrrim, morreremos em breve, temos de agir, de resistir. Não desistiremos (CRUZ, 2016, p. 70).

A morte é um lembrete da rapidez da passagem do tempo e, devido a insatisfação com a própria vida, um convite à autoanálise que se colocará em prática a partir da narração. Andreas Huyssen (2000), no capítulo “Passados presentes: mídia, política e amnésia” de seu livro *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, destaca que essa sensação de *imperfectivo que nunca se perfaz* mencionada por Nietzsche (2014) e percebida pela personagem a partir do velório do pai é ainda mais avassaladora na percepção dos sujeitos a partir do final do século XX, visto que sofremos uma lenta mudança da temporalidade em nossas vidas por conta dos avanços tecnológicos, da mídia, da sociedade de consumo e da globalização. O presente, para nós, se encurta e se torna obsoleto no mesmo ritmo que os smartphones e laptops. Portanto, hoje, mais do que na época de Nietzsche, somos um *ininterrupto ter sido*. O mal-estar de Kevin e o nosso,

[...] parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com a aceleração cultural, com as quais nem nossa psique nem nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto (HUYSSSEN, 2000, p. 32).

Lembrar e esquecer caminham juntos. Ao mesmo tempo em que Kevin sente-se oprimido pelos erros do passado, a rapidez do presente o faz desejar ir mais devagar, voltando-se para as memórias. A morte do pai é, assim, um ponto de fratura na identidade dessa personagem que, antes inerte na correnteza do devir, passa a nadar e buscar formas de resistir. Todo o tipo de peso recai sobre suas costas – o peso do passado, o peso do presente, o peso do real –, mas Sr. Ulme é a boia salva-vidas. Primeiramente, porque, em termos de enredo, é através do afeto que a filha sente por ele que Kevin irá conseguir, aos poucos, se reaproximar<sup>1</sup>. Mais importante, porém, é que o idoso era aquilo que lhe faltava para ter a força de Perseu e ser capaz de reagir, pois no diálogo estabelecido ele entrará em contato com outra forma de enxergar a

---

<sup>1</sup> “o senhor Ulme é uma espécie de boia de salvação para nós” (CRUZ, 2016, p. 178).

realidade, mais *aistórica*, mais leve, mais questionadora do real, que o irá permitir desacelerar ao partir em busca do passado do idoso, o que é, por extensão, uma tentativa de compreensão de si mesmo. Isto ocorre porque a realidade não é capaz de imprimir peso em Sr. Ulme, visto que o fato de ele haver perdido todas as memórias não o prende a um passado e a uma única versão de si. Só lhe resta a imaginação, o que acaba por lhe dotar de uma percepção questionadora da realidade:

O senhor Ulme apontou para a camisola da Beatriz e perguntou:

– De que cor é?

– Amarela.

– Não.

– É, sim.

– As coisas não tem cores, isso não é uma propriedade dos objetos.

E virando-se para mim:

– Tão nova e já a cair no erro de Aristóteles. O cavaleiro não a educa?

– É amarela – insistiu a Beatriz.

– É a reflexão da luz que faz com que os objetos pareçam ter cor.

– Não é amarela?

– Não.

– É o que?

– Isso ninguém sabe.

(CRUZ, 2016, p. 40).

Sr. Ulme alerta para a concepção de que as coisas não tem verdade essencial, a não ser aquela que nós mesmos designamos. O amarelo, por exemplo, é verossimilhante à ideia que nós mesmos criamos do que seria o amarelo. Em *Da interpretação* (2013), Aristóteles enxerga a verdade a partir da correspondência entre as palavras e as coisas, ou seja, da semelhança entre aquilo que se encontra na realidade e no mundo das ideias. O erro de Aristóteles, mencionado por Sr. Ulme, é elucidado por Nietzsche (2007, p. 36) quando ele chama atenção para o caráter tautológico da verdade:

O que é verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma

soma de relações humanas, que foram enfatizadas, poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não como moedas.

É a partir de tal percepção que Sr. Ulme conscientiza Kevin de sua proximidade com as coisas, de sua convicção na verdade de suas perspectivas. O chapéu, pousado em cima da cama por Clarisse, o irrita e causa um ponto de conflito entre os dois por ser um mau agouro, uma crença passada de pai para filho, uma verdade sedimentada pela força do tempo. Da mesma forma é a certeza de que Sara, sua nova namorada, não deveria ter comido um pedaço de sua torrada, fato que lhe enfurece levando-o a humilhá-la. “Pedacos de torrada, chapéus na cama, detalhes, o cavaleiro não vê a paisagem, está muito próximo das coisas, perde a cena completa.” (CRUZ, 2016, p. 262).

A proximidade com as coisas o afasta das pessoas e, por esta razão, a lição de ter mais altitude e entrar mais dentro na espessura, repetida por Sr. Ulme no decorrer do romance, ou seja, de sobrelevar o peso do real se aprofundando nos múltiplos sentidos e verdades, é importante para que Kevin compreenda o presente a partir do reconhecimento do passado, e vice-versa.

Não sei como é que a Clarisse atura um homem assim, tão pouco interessante, que não se comove com a transparência dos corpos, com a lucidez que no transmitem, que não conhece a linguagem da pele, das rugas, das unhas, das articulações. Altitude, cavalheiro, altitude! (CRUZ, 2016, p. 118).

Esta é a primeira lição da leveza, pois esquecer significa também recusar as respostas já dadas e as verdades solidificadas pelo tempo e constantemente se adequar à nova configuração do presente sempre em devir. Da mesma forma, é preciso lembrar, usando o passado em prol do futuro, retendo o que dele lhe servir para se adaptar à constante reorganização do presente pelo devir. A leveza se dá, portanto, sempre nesse jogo dialético com o peso: de olhar indiretamente para a realidade,

mas sem perdê-la de vista, de sobrelevar o excesso de sentimento histórico reapropriando-se do passado e o ressignificando quando posto em relação com o presente. É nesse equilíbrio entre o *histórico* e o *aistórico* que o homem, de acordo com Nietzsche (2014)<sup>2</sup>, encontrará a saúde, ou seja, no equilíbrio entre o esquecer e o lembrar.

Na equação formada por esse par de personagens paradoxais, enquanto um sofre por lembrar demais, o outro sofre por ter se esquecido de tudo. Sem passado, o que resta do sujeito no presente? É necessário, portanto, que, no diálogo entre ambos, para que haja saúde e equilíbrio, Kevin aprenda o esquecimento e Sr. Ulme se aproprie e ressignifique seu passado, criando novas memórias, afim de que ambos sejam capazes de (re)construir suas identidades.

### 3 Simbiose

Torna-se sintomático, portanto, que – justamente após a morte do pai – o protagonista sinta-se intrigado por esse senhor que propõe uma nova ordem e nova forma de compreensão do mesmo real que o machuca, atormenta e que, concomitante ao desenvolvimento dos dramas pessoais de Kevin, se inicie uma busca pelo passado do Sr. Ulme a fim de devolver-lhe a identidade, algo que falta também ao protagonista. Ulme não pode contar a própria história, pois já não se lembra dela. A única maneira de recuperá-la é aos fragmentos, através das histórias contadas sobre si pelas pessoas de seu passado. Desta forma, por mais que o foco sejam as lembranças de Ulme, vale mencionar que elas se apresentam ao leitor a partir da narração de Kevin e, portanto, contaminadas pela sua subjetividade. Por isto, defende-se que a busca pelo passado de um, significa o reestabelecimento do equilíbrio por ambos, visto que nesse processo ambas as identidades são (re)construídas.

Muitos dos trechos da conversa com o cunhado de Sr. Ulme, Sr. Vastapoulos, por exemplo, não falam nem sobre Ulme, nem sobre Kevin, mas parecem dialogar diretamente com eles se pensarmos nos

---

<sup>2</sup> O filósofo sugere, para o momento no qual vive, de intensa produção histórica – e positivista –, a postura de *esquecimento produtivo*, enquanto que Huyssen (2000), adaptando-o para o contexto atual, sugere que hoje, num tempo de contração do presente, o ideal seria a desaceleração a partir de uma *rememoração produtiva*.

relacionamentos difíceis que ambos mantiveram com Margarida Flores e Clarisse, respectivamente<sup>3</sup>, e na forma vazia de suas vidas:

É muito fácil destruir. Uma pessoa parte um raminho de uma árvore com apenas dois dedos, mas não consegue voltar a colá-lo nem contratando a NASA (CRUZ, 2016, p. 150).

Enquanto me sentava ao lado da cama dela, nunca lhe peguei a mão. O Ulme aparecia todos os dias com um ramo de flores comprado na florista do mercado. Devem ser para o funeral dela, dizia eu (CRUZ, 2016, p. 150).

Todos os dias empurro um caixão. De quem? O meu. O que é que quero dizer com isso? Todos os dias empurro um caixão até ao dia em que cair para dentro dele. (...) Não me olhe assim, a sua vida é igual a minha, nesse aspecto somos todos muito parecidos (CRUZ, 2016, p. 152).

Ambos, independente da postura que tomam diante da vida – esquecer ou lembrar –, encontram-se sozinhos após alienarem todos os entes queridos com suas ações reprováveis que, como ramos de árvore, jamais retornarão a ser o que eram e são receptáculos ocos, que repetem ações, passando pela vida até o dia em que não passarão mais.

É importante considerar, também, que essa possibilidade de ressignificar o passado em função do presente e da relação com um “outro”, deixa latente que:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que não foram apenas relacionamentos difíceis, mas turbulentos e de término difícil. Ambas, após o fim do relacionamento, passaram a odiar seus respectivos ex.

dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-39).

O que se desvela é a falácia do mito do sujeito cartesiano: de identidade fixa, essencial, permanente, inteiro. O que se oferece, antes, é a percepção de que os sujeitos estão em constante (re)construção de si e que tal reconstrução não é um exercício solitário, mas feita, também, a partir da alteridade. Uma das últimas conversas de Kevin com o espelho mostra diferença substancial daquelas – do começo da narrativa – em que se fantasiava repleto de reconhecimento, dinheiro ou mulheres e afirma como o contato com Sr. Ulme lhe foi essencial para resistir. Nela, Kevin dialoga com o pai e expressa consciência de que a identidade não nos é imanente, mas construída em relação com nosso exterior:

É isso, pai, não é só o fruto que comemos, são as frágeis pegadas dos pássaros que nele pousaram, os raios de sol, o grito dos mochos, o luar mais furtivo, a chinfrineira das cigarras. Os frutos são o resultado de tudo. O caroço que se cospe é a vida.” (CRUZ, 2016, p. 138).

O próprio modo como o passado do Sr. Ulme nos é apresentado corrobora para essa perspectiva, de que a identidade se constitui na alteridade e é dinâmica. D. Eugênia, Padre Tevez, os cunhados, Violeta Flores e Margarida Flores – irmãs e, respectivamente, a cunhada e o amor de sua vida: todos têm uma visão de Sr. Ulme e uma história diferentes para contar. Para o cunhado, ele “não passava de um cabrãozinho burguês” (CRUZ, 2016, p. 51), enquanto que para D. Eugênia, “Era um rapaz perfeito, sem mácula, incapaz de qualquer injustiça, ponderado, simpático. Penteava-se sempre de risco ao meio, e isso, disse ela, ‘seduz qualquer mulher’. (...)” (CRUZ, 2016, p. 50). Já para Padre Tevez ele era um santo, que lavava os pés dos menos favorecidos – moradores de rua, bêbados e prostitutas –, de humildade e bondade inigualáveis, mas é ele também que conta: “O Manel obrigava os outros jogadores da sua equipa a chutarem a bola de caucho contra a cabeça do aleijado, tentando um ricochete que fizesse golo.” (CRUZ, 2016, p. 57). Depreende-se, daí, emprestando de Helder Macedo a lição, que “a mesma pessoa pode ser várias conforme as peças” (MACEDO, 1991, p. 19), assim como a

Margarida contém milhares de pequenas flores em seu miolo, sendo, então, uma flor que contem outras inumeráveis em seu interior.

Como desfecho, Flores (2016) sugere que o equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento é alcançado a partir do diálogo estabelecido entre as duas personagens e que ambos conseguem ir de encontro a alguma paz. Sr. Ulme sofre de uma doença degenerativa e já não se move, fala ou sorri e, eventualmente, parará de respirar e morrerá. Por isso, Kevin se encontra determinado a reconciliá-lo com Margarida. Ele tenta recriar o baile do ensino médio no qual eles deram o primeiro beijo, porém ela recusa e não comparece, afinal, não se pode reconstituir o passado ou apagar todas as mágoas que Margarida ainda sentia. No entanto, nem só de mágoas se faz o que já foi e ao ver o estado de saúde de Ulme, quando Kevin insiste em fazer os dois se encontrarem, a raiva – o peso do passado – de Margarida se apazigua e o que ela lembra dele são coisas boas, leves. Ela não pode retornar a Manel seu passado, entretanto pode ajudá-lo a ser alguém de novo e criar novas memórias nesse momento terminal de sua vida. Kevin, por sua vez, parece estar tendo mais sucesso em resistir e ter aprendido a lição da leveza, não permitindo que a proximidade com as coisas interfiram em sua felicidade presente, abrindo mão de suas certezas:

– É verdade que ele não se lembra de ter visto uma mulher nua?

Fiz que sim com a cabeça.

De repente, a Margarida levantou-se, os olhos marejados, e empurrou a cadeira de rodas pelo corredor até ao quarto.

Via-a desabotoar a camisa com a mão direita, enquanto com a esquerda fechava a porta. Puxei a Beatriz para sairmos, ela abraçou-me pela primeira vez em mais de dois anos, e eu disse-lhe:

– Quando chegar a casa, vou pousar o chapéu em cima da cama e depois telefono à Sara (CRUZ, 2016, p. 270).

Esse é o último trecho do romance, quando se restaura o equilíbrio e ambas as personagens – antagônicas – conseguem se reaver com suas identidades: Sr. Ulme, ao buscar o passado esquecido, se reconecta com o presente; Kevin, ao se desprender dos excessos do presente, se reconcilia com o passado. Ambas as personagens se encontravam, antes da relação de amizade, posicionadas em extremos. Enquanto um não se



conectava à vida por não possuir passado, numa perspectiva *ahistórica*, o outro sofria do mesmo mal por ser demasiadamente *histórico*. É somente a partir da relação travada com o “outro” que não só Ulme torna-se a boia salva-vidas de Kevin, mas também o contrário e eles são capazes de reconstruir a própria identidade

Retornando a Calvino (1997), à guisa de conclusão, é possível notar como o romance oferece-nos a leveza em seu mais pleno sentido: à nível estrutural, por sua narração fragmentada e por meio da construção das personagens de forma complementar e paradoxal colocando em jogo o peso e a leveza – relacionados à memória e ao esquecimento, ao real e ao questionamento do mesmo; à nível imagético, por meio da representação figurativa da leveza – como é o caso da história do sucesso de toda uma cidade explicado pelas flores no cabelo de uma menina, que contaminaram a todos com a beleza; à nível de linguagem – por meio de todas as metáforas relacionadas à temática botânica que pululam na narrativa e lhe dão coesão. As flores nos ensinam que “É preciso alimentar o ódio, cultivá-lo, isso tudo.” (CRUZ, 2016, p. 171) e que isso nos torna pesados, que a vida é um fluxo contínuo, “um constante recomeço, que nos pisa e nos massacra apenas para ter adubo para se recriar, num círculo nietzschiano, exibindo uma falta de consideração, tato e educação, como se não tivesse sentimentos” (CRUZ, 2016, p. 96) e que, acima de tudo, para nos elevarmos e nos livrarmos de todo esse peso, é preciso da leveza da poesia, pois ela “serve para acabar com a atrocidade, é uma bala na cabeça do horror, é uma pedra atirada contra esse cenário de mau gosto, este mundo que acreditamos ser a realidade.” (CRUZ, 2016, p. 60). É preciso aprender a linguagem das flores.

## Referências

ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo: Unesp, 2013.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

CRUZ, A. *Flores*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYSEN, A. Passados presentes: mídia, política e amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MACEDO, H. *Partes de África*. Lisboa: Presença, 1991.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração extemporânea: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2014.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Editora Hedra, 2007.